

GT04: Antropologia da criança

Emilene Leite de Sousa, Flávia Pires

Este GT visa agregar pesquisadores que tenham se dedicado a pesquisar com e sobre crianças com o intuito de reunir as pesquisas da Antropologia da Criança e áreas afins. Esperamos poder contribuir para a compreensão da atuação das crianças, como sujeitos, na sociedade atual, especialmente através de perspectivas críticas e anti-coloniais, que apontem para uma saída viável para o capitalismo. A multiplicidade das infâncias, enquanto categoria estrutural dentro do ciclo geracional, através de suas vivências e contextos indígenas, quilombolas, ciganas, camponesas, em reservas extrativistas, ribeirinhas ou nas cidades estará presente. Selecionaremos propostas que tratem dos aspectos ético-metodológicos das pesquisas com crianças, contemplando o uso do método etnográfico e da observação direta, métodos experimentais, dentre outros. Temas como educação, mobilidade, produção dos corpos, ludicidade, aprendizagens, trabalhos, religiosidades, políticas públicas e usos dos espaços públicos estão entre os que esperamos receber. Infâncias institucionalizadas em casas de acolhimento ou abrigos também serão consideradas. As experiências com a infância de quaisquer minorias ou em condição de migrantes ou refugiadas também serão contempladas.

"Porque criança cresce, né?": reflexões antropológicas sobre a Síndrome Congênita do Vírus da Zika a partir da ciência feita com a população pediátrica

Autoria: Thais Maria Moreira Valim

O ano de 2015 foi palco de um evento que marcou o Brasil, sobretudo as mulheres brasileiras e seus filhos e filhas, de inúmeras formas: a epidemia do vírus da Zika. Esse patógeno, originalmente identificado em Uganda no ano de 1947, chegou aos trópicos trazendo consigo uma novidade nunca antes registrada na literatura médica: o nascimento de crianças com alterações no desenvolvimento fetal, quadro que se estabilizou na literatura científica como a Síndrome Congênita do Vírus da Zika (SCVZ). Esses recém-nascidos apresentavam um quadro de múltiplas deficiências que envolviam desde alterações neurológicas até manifestações oftalmológicas, cardíacas, ortopédicas, entre outras. Essa consequência reprodutiva levou a OMS a classificar a situação como uma emergência em saúde a nível global, movimentando inúmeros investimentos para responder à situação (Diniz, 2016). A ciência, sobretudo nas especialidades clínicas, foi diretamente convocada na resposta a essa epidemia (Simas, 2020), levando inúmeros pesquisadores e pesquisadoras até essas crianças e suas mães, em uma tentativa de compreender como estava ocorrendo o desenvolvimento desses bebês recém-nascidos. Como a síndrome demandava uma atenção de múltiplas especialidades para um grande volume de crianças, nem sempre as cientistas envolvidas na resposta ao Zika vírus e a síndrome a ele associada tinham experiência prévia com a população pediátrica. A partir de um conjunto de entrevistas realizadas com cientistas diretamente envolvidos na resposta à epidemia do Zika na região metropolitana de Recife em 2018 e em 2022, procuro, neste trabalho, analisar de que forma a infância, enquanto categoria estrutural (Qvortrup, 2010), atravessou o fazer científico desse amplo conjunto de pesquisadoras e pesquisas. O objetivo principal do paper é, por um lado, refletir sobre as particularidades e especificidades do corpo infantil para diferentes especialidades da ciência, e, por outro, pensar em como a situação de epidemia modificou, aperfeiçoou, atualizou ou inovou tais especialidades. Um segundo objetivo é pensar sobre como as contribuições da Antropologia da Criança podem adensar a reflexão acerca de metodologias e ética em pesquisas feitas com essa população.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

